

Didática de transição: a formação docente e o ensino remoto emergencial em tempos de pandemia

RESUMO

Patrícia Marcondes de Barros

patriciamarcondesdebarros@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Bianca Coelho

biancamcoelhoh@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Heloísa Camargos

heloisacamargos93@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Inês Caroline Lélis

inescarolinelelis@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Marcelo Kloster Júnior

marceloklosterjr@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina (UEL),
Londrina, Paraná, Brasil.

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre a formação docente, reverberadas através do projeto de extensão desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina, na área de ensino, intitulado “O ensino de História no tempo presente - Devir Históri@”. O projeto tem como mote promover discussões e práticas relacionadas à formação docente em um momento de adequação às demandas contemporâneas com a crise generalizada ocasionada pela pandemia da Covid-19. A precarização do ensino público que se agrava neste contexto vem exigindo da área profundas reflexões sobre a necessidade de uma formação e de práticas de ensino que deem conta da complexidade e da diversidade que os docentes enfrentam atualmente no seu cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente. Ensino remoto. Pandemia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar o projeto de extensão “O Ensino de História no Tempo Presente – Devir Históri@”, realizado na área de Ensino do Departamento de História/UEL, no período de 2019 a 2020 (disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLNcU-H7p2QGdWfMD-f2oRg>). Tem-se como objetivo geral refletir sobre a formação dos professores sob uma perspectiva metodológica qualitativa, abordando o ensino de História à luz da contemporaneidade com o advento da cultura digital e a importância de se decodificar e ressignificar apropriadamente os novos códigos e paradigmas que tal aparato tecnológico traz. A baliza teórica para a discussão de temas que permeiam o projeto é o da História do Tempo Presente, com a pluralidade de fontes e literatura sobre o assunto, concomitante aos procedimentos metodológicos ao analisar o advento da cultura digital no século XXI, período no qual nos localizamos, sendo, ao mesmo tempo, atores e testemunhas de suas mutabilidades e suas relações com o ensino.

Dentro da programação do projeto e de forma remota, foram realizadas palestras de cunho interdisciplinar em formatos de programas televisivos pela plataforma de videoconferências “google meet”, pensando em diversos temas relacionados ao ensino de História, que vão desde questões sensíveis como a discussão de gênero e racismo à gamificação, as metodologias ativas, a saúde mental do professorado, o pensamento decolonial, a história do tempo presente. Também oferecemos as rodas de bate-papo com os professores da rede pública estadual e municipal do Estado do Paraná, abarcando as inúmeras possibilidades e dificuldades para o ensino de História frente à crise política que enfrentamos, junto à pandemia que nos leva abruptamente para outros espaços/tempos.

Apresentaremos em um primeiro momento uma revisão bibliográfica do projeto realizado antes da pandemia sobre os temas que envolvem a comunicação e suas reverberações na educação no atual devir. Posteriormente, analisaremos a chamada “didática de transição”, com o Ensino Remoto Emergencial (ERE) com seus alcances e limites, assim como o que poderá permanecer no contexto educacional dessa imersão tecnológica emergencial, após o cenário de pandemia. Utilizaremos para esta análise o material já produzido no projeto em andamento que se encontra no canal do youtube “Devir História” e leituras já realizadas em nosso grupo de pesquisa.

HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE, NOVAS TECNOLOGIAS E ENSINO REMOTO: ITINERÁRIOS SOBRE CAMINHOS CONTROVERSOS

O historiador François Bédarida (2002, p. 221) assinala que a “história do tempo presente é feita de moradas provisórias”. Com esta afirmação, destaca o aspecto mutante da história, exigindo do pesquisador da área ressignificações constantes. Estas “moradas provisórias” compõem a chamada contemporaneidade, entendida na perspectiva do filósofo italiano Giorgio Agamben (2009) como a da sensação de pertencimento a uma época com a qual mantemos uma relação singular, ao mesmo tempo a que tomamos distância, ou seja, uma relação com o tempo em que este adere, através de uma dissociação e um anacronismo. Afirma o filósofo: “Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta adere perfeitamente, não são

contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, p. 58). A nossa contemporaneidade, devir mutante e polifônico, na qual não existe uma realidade/verdade, mas várias, ganha visibilidade no campo educacional transformando os paradigmas científicos, a ideia das instituições escolares, as metodologias em suas formas e linguagens, os currículos e, assim sendo, a formação docente (BARROS, 2019, p. 198). Desde a década de 1980, com a denominada “sociedade da informação” ou “pós-industrial”, tem havido avanços significativos que trouxeram novos dilemas para a vida individual e coletiva (CASTELLS, 2000), facilmente perceptíveis e que vão desde as novas tecnologias aplicadas à educação ao comportamento diferenciado e complexo das novas gerações.

As novas subjetividades (formas diferenciadas de ser, sentir e pensar a si e o mundo) moduladas em fins do século XX pela tecnologia, construíram de forma diversa suas narrativas no mundo contemporâneo nas mais diversas linguagens, desde as poéticas e as imagéticas até as meramente tecnológicas (FÁVERO SOBRINHO, 2002). Sua comunicação se dá em rede, virtualmente e de forma contínua, realizando multitarefas com ênfase no tempo presente e com a perspectiva de resultados rápidos e aplicabilidade dos conteúdos escolares na vida profissional (NETO, 2010, p.14). Nessa perspectiva, novas e antigas metodologias de ensino e aprendizagem irão interagir de forma cada vez mais diversa e complexa, resignificando o papel do professor e das instituições escolares oferecendo assim, uma perspectiva de ensino híbrido. Já era percebido antes da pandemia que acometeu o mundo, que as práticas docentes estavam defasadas em relação a essas novas subjetividades, não se enquadrando as novas formas e linguagens a que os alunos estão imersos na contemporaneidade.

Por um lado existe uma inabilidade de compreensão com as novas gerações, muitas vezes devido a idealizações que perpassam a própria subjetividade e experiência do professor que construiu sua formação em outros tempos/espacos; por outro, uma formação docente dicotômica, a exemplo de se ensinar História dentro de uma realidade política que não permite a pluralidade de pensamentos ideológicos devido aos segmentos reacionários que hoje dominam a sociedade brasileira, perpassando pela própria “inutilidade” atribuída às licenciaturas por uma visão utilitária capitalista, pela desvalorização, e até mesmo criminalização, de sua profissão, quando o professor é estereotipado como um “doutrinador”, inculcador de ideias esquerdistas. Mesmo frente a este cenário de desalento e retrocesso, caminha a perspectiva de diversificação e complexidade cultural advindas do ciberespaço – “lugar” desterritorializado que transforma a concepção temporal e espacial, alterando os itinerários lineares dos discursos e da pretensa lógica positivista.

O ofício do professor de História neste devir deve se abrir a miríades de possibilidades trazidas pela convergência midiática (as várias mídias que se encontram dentro da internet) que reverbera linguagens diferenciadas em sua forma e conteúdo. Frente às complexas realidades presentes no ambiente escolar, o professor deve colocar um fim em suas certezas absolutas. Afirma Perrenoud (*apud* SANTOS, 2009, p. 7169): “o educador deve fazer o luto das certezas didáticas, pois o terreno das práticas educativas é bem mais incerto do que fazia supor o cristalino positivismo das suas análises”. Assim, faz parte do processo histórico atual estar disponível a aceitar as incertezas e se lançar a novas experiências, construindo novos paradigmas, tentando aproximar a prática da

teoria em relação às demandas contemporâneas e também específicas, regionais, locais, culturais do ambiente escolar.

Para Santos (2009), o papel do professor no contexto de incertezas não é propriamente o de promover e desenvolver uma ação com sentido moral, mas sim de levar a cabo uma ação com significado social, político e reflexivo. Ao professor de História que leciona tanto presencialmente quanto em EAD, faz-se necessário ter em sua formação docente conhecimento das transformações oriundas da cultura digital que desvelam as experiências humanas contemporâneas. Não apenas entender a cultura digital de forma instrumental (apenas apropriando-se da técnica), mas entendendo as mudanças paradigmáticas trazidas por essas novas tecnologias. Segundo Silva (2010), a formação dos professores para docência presencial ou online necessita apreender essencialmente as quatro exigências da cultura digital: entender a transição da mídia clássica para a online, apropriar-se das diversas linguagens que comportam o hipertexto, conceber a interatividade no processo de construção do conhecimento (horizontalizando as relações entre professor/aluno), potencializar a comunicação e a aprendizagem utilizando de forma apropriada interfaces da internet.

Segundo Silva (2010), não existe uma situação material e formativa adequada de docência e aprendizagem de História numa perspectiva cibercultural. No ensino presencial em escolas públicas brasileiras, muitas vezes depara-se com o livro didático como a única tecnologia disponível para o professor fazer uso. A formação docente se constitui neste contexto e por si mesma em um grande desafio, pois se por um lado, vivenciamos um mundo de grandes possibilidades advindas da cultura digital, por outro, enfrentamos a precariedade estrutural e o retrocesso cultural no campo educacional, advindo de uma crise política.

Com o distanciamento e o isolamento social impostos pelo combate à proliferação da Covid-19 houve a necessidade de se alterar a rotina escolar e colocar em prática emergencialmente o chamado ensino remoto, que de forma obrigatória faz com que professores se apropriem rapidamente das novas tecnologias de comunicação, o que torna o processo mais conflituoso. A resistência que muitos professores tinham em torno de se apropriarem das novas tecnologias de comunicação para o ensino cedeu lugar a tentativas rápidas de readequação àquilo que chamam de “o novo normal”.

Diferente da modalidade de EAD (que conta com uma estrutura consolidada em termos políticos, didáticos e pedagógicos e que se dá essencialmente de forma assíncrona), o ensino remoto emergencial é uma modalidade que apenas pressupõe o distanciamento geográfico entre professores e alunos, ofertado de forma síncrona nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial, mantendo assim, uma rotina escolar em ambiente virtual. As instituições de ensino lidam com o ensino remoto das mais variadas formas, fazendo as adaptações necessárias a fim de que o planejamento do conteúdo seja cumprido, assim como sua carga horária. A tecnologia utilizada nas aulas remotas é menor que um EAD, com a utilização de aplicativos e serviços gratuitos de comunicação e interação, a exemplo do Zoom, Google Meet ou Google Classroom, que, além das transmissões ao vivo, permite a disponibilização de gravações e atividades complementares.

Contudo, o ensino remoto e a chamada aqui de “didática de transição” apresenta e evidenciam as lacunas do ensino público brasileiro, sua precariedade

e seus limites em um momento sem muitas saídas, apenas de tentativas de adequações como trataremos a seguir, com base nos depoimentos de alguns professores e diretores de colégio na cidade de Londrina, estado do Paraná.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A “DIDÁTICA DE TRANSIÇÃO” NA EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

O professor espanhol Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 19), ao tratar do conceito de experiência, afirma que ela é o que nos toca, o que nos acontece, ou seja, o que nos faz refletir. Aqui trataremos de algumas experiências através dos depoimentos concedidos no Programa 3 Devir Históri@ quando se deu o bate-papo com os professores das redes Municipal e Estadual de Ensino do Estado do Paraná, na cidade de Londrina. O tema do bate-papo foi a “Didática de Transição: o Ensino de História em tempos pandemônicos”, relacionado ao projeto “O Ensino de História no Tempo Presente”, realizado de forma remota no dia 19 de setembro de 2020 e disponibilizado no canal do youtube. Para a roda de bate-papo foram convidados os professores e diretores da rede pública de ensino: Márcia Maria de Souza (Instituto de Educação Estadual de Londrina-IEEL), Sérgio Cavalheiro (Colégio Estadual Antônio de Moraes Barros e Colégio Marista), Liliam Araújo Perez (diretora do Colégio Estadual Hugo Simas), Jacintha Edjeane Leite Cavalcante (diretora do Colégio Estadual José de Anchieta) e Eliane Candotti (Secretaria Municipal de Educação). Os mediadores dessa roda de conversa foram os professores da UEL, da área de Ensino de História: Cristiano Biazzo Simon, Maria de Fátima da Cunha, Rivail Rolim e Patrícia Marcondes de Barros junto aos alunos integrantes do curso de graduação em História: Inês Caroline Lélis, Heloísa Camargos e Bianca Martins Coelho (mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Londrina).

O tempo presente, atípico, pelo qual passamos nos possibilita a reflexão sobre as dificuldades do ensino remoto emergencial e suas limitações através dos depoimentos dos professores. Temas como o grau de exposição pública sofrido pelos professores em consequência de aulas gravadas e disponibilizadas em meio virtual; a desigualdade socioeconômica brutalmente desvelada durante a pandemia, com muitos alunos sem acesso a computadores ou com serviços de conexão ineficientes para as tarefas escolares, professores sem estrutura em suas casas para lecionarem a contento e a evasão escolar percebida, entre tantos outros temas, revelam as dificuldades do momento atual.

A professora Eliane Candotti aborda a importância da relação familiar junto à cultura escolar, uma vez que os responsáveis pelos alunos e alunas são obrigatoriamente mais presentes na educação destes durante o período de quarentena. Segundo Candotti, observa-se que, muitas vezes, as concepções religiosas dos responsáveis pelos alunos acabam contestando o conhecimento científico e acabam por cingir o trabalho dos professores. Observa-se também uma baixa escolaridade entre mães, pais e avós, que não conseguem mediar (e a mediação é imprescindível no ensino remoto) a contento os alunos nas tarefas escolares. Candotti assinala a falta de estrutura material e emocional, pois muitos alunos não possuem computadores e celulares e uma boa conexão para a interatividade com as atividades oferecidas online. Buscando a resolução de tais problemáticas, a Secretaria de Educação entrevistou para a continuidade do ensino, formando uma rede de apoio entre os professores para que fosse possível pensar

em uma gama de possibilidades que pudesse atender as demandas da comunidade escolar.

No atual momento, com o excesso de atividade do professor, não seria possível ofertar cursos de formação continuada de forma obrigatória, pois demandaria mais do tempo daquele que no momento improvisa suas videoaulas, corrige os trabalhos e faz seu material didático na mesma esfera do lar, cuidando da casa e dos filhos. Nas zonas rurais, as dificuldades são ainda maiores, principalmente com relação ao acesso a internet, por parte de professores e alunos.

A professora Liliam Araújo Perez assinala as dificuldades dos alunos e do ensino remoto constatando que a pandemia agravou e escancarou todas as desigualdades sociais, principalmente quanto ao acesso ao computador. Segundo a professora, há muitas cobranças, reclamações via telefone celular sem o bom senso de se respeitar, inclusive, um determinado horário, o que aumenta ainda mais a sobrecarga de trabalho do professor. O isolamento trouxe problemas psicológicos a professores e alunos, inclusive os que prestarão vestibular no próximo ano, pois sentem a falta do aspecto socializador da escola, além do domínio do conteúdo escolar para que possa entrar na universidade.

O aspecto emergencial, portanto sem um planejamento, foi discutido pela professora Jacintha Adjeane Leite Cavalcante, que frisou a necessidade de apoio entre diretores, equipe pedagógica, professores e comunidade.

O professor Sérgio Cavalheiro trouxe contribuição ao debate abordando, além do já comentado aumento da carga horária com o ensino remoto e a falta de estrutura adequada ao professor, questões mais subjetivas, como a do aluno comumente não ter autodisciplina, amadurecimento emocional, que são essenciais para as tarefas remotas. O professor, que iniciou suas aulas remotas em março, expôs as dificuldades de grande parte do professorado (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ulA6YYFmUWg>:

O jornal Gazeta do Povo coloca que 300 mil estudantes fazem uso das atividades impressas, isto é, cerca de 30% dos estudantes. Porém, tanto um modelo como o outro, de oferta das aulas gravadas ali pelo google classroom, atividades e tudo mais, mesmo com o material impresso, ainda é distante daquilo que almejamos em termos de educação, que é oferecer de fato aulas que sejam formativas, que tenham significado, que contribuam para a formação do estudante, seja no ensino fundamental, no ensino médio e na educação de jovens e adultos. O que eu acho mais complicado é que existe no momento uma aula gravada que é disponibilizada; uma atividade postada em que o estudante é obrigado a fazer para registrar sua presença. E logo no início as atividades que elaborávamos eram enviadas para a escola e a gente não tinha pleno entendimento de todo o processo. Sem o entendimento de todo o processo, inventei de enviar link; gravar aula no YouTube para a escola disponibilizar para os alunos. Até que a gente cai na realidade ao saber que nem todo mundo tem o acesso à internet, equipamento disponível, condições de acessar aquilo que você está disponibilizando. Com as atividades impressas tem uma parte teórica e a atividade também disponibilizada, mas acaba não conseguindo atingir aquilo que a gente deseja de fato, dentro do que poderia ser possível na sala de

aula. E não proporciona um olhar do professor para poder fazer a diferença no momento da aprendizagem. Discutimos tão recentemente, antes dessa realidade que estamos, sobre a participação do aluno, peça mais importante do processo educacional, como protagonista no seu processo de aprendizagem e estávamos conversando sobre metodologias ativas sobre tudo isso que é necessário para tornar o aluno interessado pelo processo e não um espectador em sala de aula e acabamos migrando para uma realidade que é exatamente esta.

Frente ao imperativo virtual ainda incipiente no âmbito do ensino, percebemos que é fundamental a busca de novas estratégias e práticas pedagógicas (aqui chamada de “didática de transição”) a fim de não perder a proximidade com os estudantes, principalmente ao levar em consideração a influência que a internet exerce nos tempos atuais, com redes sociais e grandes plataformas de streaming concorrendo à atenção com o ensino remoto, dispersando a atenção de crianças e adolescentes. Afora todos os problemas elencados, ainda temos o desafio de “prender a atenção” do aluno as nossas aulas, frente a tanta informação e distração que a rede oferece.

“NADA SERÁ COMO ANTES”

Como se trata de projeto em fase inicial; não se oferece aqui conclusões sobre o tema, que ainda está sendo pesquisado e que demandará tempo para ser compreendido. O projeto vem nos ensinando de forma prática sobre os novos meios comunicacionais disponíveis para o ensino remoto emergencial, mas também trazendo muitos desafios oriundos da falta de políticas públicas e descaso para com a educação de forma ampla, cada vez mais precarizada e agravada neste contexto pandêmico, inviabilizando uma formação docente coadunada com os desafios contemporâneos.

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo exploratório. Através de pesquisa teórica desenvolvida em grupo de estudo, levantamos os temas que serão analisados e elaboramos atividades teóricas e práticas, como: palestras, entrevistas, oficinas e cursos que se referem de forma ampla sobre a temática do ensino de história no devir da cultura digital. A feita dos programas gravados do projeto, de forma remota, tem sido por si uma experiência valiosa e ganha caráter experimental com a preocupação agora não mais apenas com o conteúdo dos temas, mas também com o canal da mensagem, as tecnologias que reverberam linguagens diferenciadas e nos propõe, como professores, mudanças significativas no entendimento didático, das formas e conteúdos que necessitam de ressignificações para adequação as demandas contemporâneas.

A “didática de transição” a que colocamos é advinda da necessidade emergencial que, contudo, moldará novos caminhos para a implementação de um ensino híbrido que se fortalecerá de forma significativa e qualitativa se houver dialogia entre escola e comunidade, além é claro, de políticas públicas apropriadas. Como afirmou o biólogo Átila Iamarino de forma melancólica frente à pandemia e a crise generalizada: “nada será como antes”.

The didactics of transition: teaching training and emergency remote learning during the pandemic

ABSTRACT

This article aims to present some reflections on teacher education, reverberated through the extension project developed at the State University of Londrina, in the area of teaching, entitled "The teaching of History in the present time - Devir Históri @". The project aims to promote discussions and practices related to teacher training at a time of adaptation to contemporary demands with the generalized crisis caused by the Covid-19 pandemic. The precariousness of public education that is worsening in this context has demanded deep reflections on the need for training and teaching practices that take into account the complexity and diversity that teachers currently face in their school routine.

KEYWORDS: Teacher training. Remote teaching. Pandemic.

REFERÊNCIAS

BARROS, P. M. CULTURA DIGITAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: o ensino de história no tempo presente. In Revista Intermeio. Ensino de História e formação de professores: práticas, vivências e desafios para o século XXI. v. 25 n. 49.1. UFMS, 2019.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. n.19 Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

CASTELLS, M. Sociedade em rede. Paz e Terra, São Paulo, 2000.

FAVA, R. Educação 3.0: como ensinar estudantes com culturas tão diferentes. 2 ed. Cuiabá: Carlini e Caniato Editorial, 2012.

FÁVERO SOBRINHO, A. O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS. Belo Horizonte, novembro de 2010.

LEVY, Pierre. O que é o virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NETO, E.S; FRANCO, E.S. Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. REVISTA DE EDUCAÇÃO DO COGEIME – Ano 19 – n.36 – janeiro/junho 2010.

SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulos, 2003.

SANTOS, A. R. J. Formação do professor na contemporaneidade: repensando conceitos e possibilidades. IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de psicopedagogia. 26 a 29 de outubro – PUC-PR, 2009.

SILVA, M. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para a docência em cursos on line. Revista digital de tecnologias cognitivas. PUC-São Paulo, no. 3 (janeiro-junho), 2010.

Recebido: 25 set. 2020.

Aprovado: 2 out. 2020.

DOI: 10.3895/rde.v11n19.13265

Como citar:

COELHO, B.; CAMARGOS, H.; LÉLIS, I.C.; KLOSTER JUNIOR, M.; BARROS, P.M. R. Dito Efeito, Curitiba, v. 11, n. 19, p. 48-57, jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/de>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

